

Muito mais do que corte e costura

Curso de Têxtil e Moda da EACH pretende formar profissional capaz de estabelecer diálogo entre parte técnica e criativa da área

Taiana Ferraz

“O que você aprende lá, corte e costura?” e “Minha roupa está combinando?” são exemplos de perguntas frequentes a estudantes do curso de Têxtil e Moda da EACH-USP. Seu antigo nome, Tecnologia Têxtil e da Indumentária, foi abandonado recentemente por não representar de maneira eficiente o que é abordado pelo curso e por alimentar confusões a respeito do mesmo.

“Era uma reivindicação de alunos e professores. O outro nome dificultava na hora de conseguir um estágio, pois era muito difícil e o termo ‘tecnologia’ fazia com que se pensasse que era um curso técnico.”, afirmou Aline Torres, aluna do terceiro ano, primeira turma do curso. Um dos problemas dessa falta de clareza diz respeito à questão financeira, pois o salário de técnico é inferior ao salário de bacharel, além do fato de o curso de Têxtil e Moda ser bem diferente de um curso técnico.

O objetivo, segundo José Boueri, um dos professores do

curso, é oferecer uma visão inter e multidisciplinar da cadeia produtiva têxtil, abrangendo desde a elaboração das fibras, passando pela manufatura, projeto e gestão.

Assim, o curso preza por seu caráter generalista. “O aluno formado aqui não vai ser um especialista, mas conhecerá toda a cadeia com detalhes, que é um conhecimento que não existe hoje. Um engenheiro têxtil e um químico vão saber mais do que ele em suas áreas específicas, mas ele poderá transitar entre as áreas e estabelecer o diálogo, que é necessário. Uma especialização pode vir depois.”, afirma Carlos de Brito, outro professor.

Essa amplidão é aprovada pela maior parte dos alunos. Welton Zonatti, aluno do terceiro ano, afirma “Em outras escolas de moda, o foco do aprendizado é o desenho. Eles realmente desenham muito bem, criam coisas maravilhosas, mas não entendem nada de

público alvo, tecidos, antropometria. O curso dá mais base do que um curso só de moda e não deixa a dever a ninguém da Santa Marcelina”.

Já a aluna do terceiro ano, Ludmila Pozani, considera o “curso híbrido demais” e lembra que sua turma, por ser a primeira, teve “formação diferente da que têm os outros anos. A gente ajuda a remanejar matéria”. Com relação a isso, sua colega, Mariana Milani, afirma que “a grade curricular só foi se definir no fim do segundo ano. Porém, existem planos de programas de férias para suprir algumas matérias que não tivemos e que agora são oferecidas.”

Existem ainda alguns problemas estruturais, creditados ao fato de o curso ter apenas 3 anos. Assim, a falta de laboratórios, por exemplo, é contornada através de acordos com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e a

Faculdade de Engenharia Industrial (FEI).

Grande parte dos estudantes ingressa no curso mais interessados na parte de criação e design. Como complementação, muitos procuram o curso técnico de vestuário do SENAI, como Bruna Lentini, aluna do segundo ano. “O SENAI aborda a parte de criação, de fazer o vestuário. Aqui você aprende a pensar, lá, a fazer. Mas como vou mandar, se não sei fazer?”

Segundo a professora Cláudia Garcia, a pesquisa acadêmica em moda ainda é muito recente e vista com receio. “A maior parte do que sabemos é empírico” Ela explica que a moda é a parte mais evidente desse mercado que movimentava bilhões de dólares. Para ela, o grande desafio – e parte dos objetivos do curso – é pensar em sustentabilidade ambiental, social e econômico. “2009 é considerado o ano das fibras naturais (provenientes das plantas). Mas não basta ser natural para ser sustentável. O plantio do algodão, por exemplo, envolve agrotóxicos. Sua colheita, trabalho infantil, pois cabe perfeitamente nas mãos de uma criança de oito anos.” Ela, lembra, ainda, que “o feedback só virá depois de formadas pelo menos quatro turmas”.

*O alunos
conhecerão
toda a cadeia
têxtil*

